

**Jean-Claude Pinson**

**Para que Serve a Poesia Hoje?**

Tradução de  
**José Domingues de Almeida**

DERIVA

TÍTULO  
PARA QUE SERVE A POESIA HOJE?

TÍTULO ORIGINAL  
À QUOI BON LA POÉSIE AUJOURD'HUI?

AUTOR  
Jean-Claude Pinson

TRADUÇÃO  
José Domingues de Almeida

FOTO DA CAPA  
Pedro Ferreira

ISBN  
978-972-9250-80-4

REFERÊNCIA  
1506004

FORMATO  
21x14,5cm

1ª EDIÇÃO  
Junho 2011

DEPÓSITO LEGAL

xxxxxxxxxxxx

IMPRESSÃO  
Publidisa

DERIVA EDITORES  
Rua de Santo Ildefonso, 85, 5º, sala 2  
4000-468 PORTO  
TELEFONE E FAX  
351 225 365 145

E-MAIL  
deriva@derivaeditores.pt  
www.derivaeditores.pt  
www.derivadaspalavras.blogspot.com

Reservados todos os direitos. Esta edição não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, gravação ou outros, sem prévia autorização da Editora.

Publicação apoiada pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Cet ouvrage a bénéficié du soutien de Culturesfrance, opérateur du Ministère français des Affaires Étrangères et Européennes et du Ministère de la Culture et de la Communication.

© Deriva Editores, 2011  
© Éditions Pleins Feux, 1999

## **COLECÇÃO PULSAR**

A colecção Pulsar, dirigida pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, divulga textos relevantes em torno da literatura e de outras artes. Estes pequenos livros, que se podem ler numa viagem de comboio ou a uma mesa de café, pretendem emitir um sinal luminoso, sentidos de um pensamento, fulgurações de palavras. Como os enigmáticos e distantes pulsares.

Direcção e coordenação científicas de Ana Luísa Amaral, Pedro Eiras e Rosa Maria Martelo.



## PRIMEIRA PARTE

Texto revisto pelo autor da conferência proferida, por iniciativa das edições Plein Feux, a 12 de Janeiro de 1999 em Nantes.

«Agora que tomo a palavra para proferir esta conferência sobre a poesia, ainda não estou convencido da sua legitimidade. A poesia é um pouco avessa às conferências, em que tanto se pode encontrar erudição, autoridade e arte, como pedantismo e uma mistura inútil, tudo menos poesia.»

**Henri Michaux**





### *Questão sem objecto?*

De facto, pode-se sempre lembrar que a poesia, de qualquer modo, não serve para nada; que ela se subtrai à lógica da utilidade; que não tem qualquer efeito mensurável quando considerada pelo critério mortífero de um valor económico cada vez mais imperial. Mas, na verdade, não deixa de ser uma teoria bem limitada da «arte pela arte» a que afirma deduzir da inutilidade prática da poesia a sua total gratuitidade: que não tenha qualquer lugar atribuído no universo da troca utilitária não significa obviamente que, de modo geral, não «sirva para nada». E inversamente, é por demais fácil a dialéctica que se apressa a converter esta ausência de residência forçada, estreitamente utilitária, no indício certo de um qualquer valor transcendente.

### *Questão tão caduca quanto gasta?*

Pois ainda se poderia ser tentado a desqualificar a questão pelo motivo de já não estar na moda. Ou se considera (versão deceptiva) que a poesia é doravante e definitivamente uma arte menor (quando não «inadmissível»). Haveria então que voltar-se para outra coisa que não a poesia, ou enveredar pelo menos no sentido de uma «poesia depois da poesia». Ou então anuncia-se, pelo contrário (versão favorável), a boa nova da sua renovação ou ressurgimento. Neste caso,

não só o tom desiludido que se adivinha no «para que serve» da pergunta será intempestivo, como estará volvido o tempo das questões angustiadas. A poesia poderia desembaraçar-se, por fim, do demónio da teoria que a foi roendo no decorrer das últimas décadas para entregar-se ingenuamente aos prazeres da sua nova primavera.

Há que admitir, no entanto, que a questão da poesia (da sua eventual «utilidade») continua a obcecar-nos enquanto, simultaneamente, não deixamos de sentir alguma dificuldade com a própria palavra «poesia». Pois, se a ideia para que remete continua a ser-nos evidente, só a pronunciamos com muitas precauções, como se a poesia se tivesse tornado numa doença vergonhosa ou numa miséria que se deva esconder.

### *Miséria da poesia?*

Quando relacionada com o contexto geral de uma cultura cada vez mais submissa a uma lógica da mercadoria e do espectáculo, há de facto hoje como que uma miséria da poesia, reduzida que está a qualquer coisa como o 1% do 1% cultural (pois trata-se de uma miséria subsidiada). Mesmo se existe um mercado da poesia, não há verdadeiro mercado para a poesia, cujas vendas representam uma percentagem ínfima do comércio dos livros (0,3% – e mesmo assim, só se lhe juntarmos o teatro).

Serão, contudo, os leitores de poemas menos numerosos hoje do que há um século? Não é nada certo, se nos lembrarmos do que eram as tiragens no tempo de Mallarmé. E Hans Magnus Enzensberger não estará

certamente errado ao notar que hoje como ontem a tribo dos leitores de poesia permanece em suma «uma pequena minoria de extremistas», em número estável nos grandes (e pequenos) países ocidentais. «Esse número, escreve sem pestanejar Enzensberger, situa-se à volta de +/- 1354»; número que ele ridiculamente baptiza de «constante dita de Enzensberger<sup>1</sup>».

Apesar de tudo, parece de forma clara que a parte da poesia no conjunto da cultura não deixou de diminuir drasticamente desde há algumas décadas, pelo menos quanto ao seu peso simbólico. O interesse pela poesia, quando mais não seja julgando pelo lugar que lhe é reservado nas páginas literárias dos jornais, não incita hoje em dia a um optimismo excessivo. À reverência de que pode ter sido objecto há pouco tempo foram-se sucedendo, nas representações hoje mais difundidas a seu respeito, a indiferença ou uma condescendência com um toque de ironia.

Obviamente, semelhante diagnóstico, ao ter em conta só os aspectos mais exteriores da questão, não autoriza que se conclua que a poesia esteja hoje superada: nem tudo poderá ser visto, no que lhe diz respeito, ao nível do que é quantificável e mensurável em termos de sociologia cultural – nem mesmo ao nível das representações sociais de que pode hoje ser objecto. A questão da poesia não estará, pois, felizmente, encerrada depois de perguntar-se de quantas divisões dispõe no campo de batalha da cultura contemporânea.

---

1 «Nouvelles de la poésie», *L'Infini*, nº 63, Outono de 1998, Gallimard, p. 13.